

TOMADA DE TESTEMUNHO
(transcrição)

Pedro Estevam Rocha Pomar

7/8/2014 – Completo

DEPOENTE:	PEDRO ESTEVAM ROCHA POMAR
Categoria do depoente:	Familiar de vítima civil
Tipo de arquivo:	Áudio
Duração:	02:19:34
Ocasão:	Testemunho colhido por integrantes da CNV
Data:	7/8/2014
Local:	São Paulo, SP
Responsáveis pela tomada de depoimento:	Raíssa Wihby Ventura e Camila Braga
NUP:	00092.001734/2014-38

Nomes citados:	Wladimir Pomar; Pedro Pomar; Ângelo Arroyo; João Batista Franco Drummond; Aldo Arantes; Haroldo Lima; Elza Monnerat; Joaquim Celso de Lima; Maria Trindade; Solange Lima; Jover Telles; general Leônidas Pires Gonçalves; Marival Chaves do Canto; José Gomes Novais; Nelson Veiga; Pedro Martinelli; Alceu Almeida Proença; Eliana Menezes Sansoni; cinegrafista “Chumbinho”; coronel Erasmo Dias; general de Brigada Carlos Xavier de Miranda; “Doutor Luiz”; Sérgio Miranda; cabo Anselmo; “Jota”; Geneton Moraes Neto; Dilermando Gomes Monteiro; Luiz Eduardo Greenhalgh; Mário Simas; Edibal Piveta; Márcia Ramos; Almirante Júlio de Sá Bierrenbach; Valter Pomar; Alcides Singillo; Dom Paulo Evaristo Arns; Padre Haddad; Wladimir Milton; Frederick Chapin; general José Ferraz da Rocha; Raquel Pomar; Emiliano José; Ernesto Geisel; Humberto Castelo Branco; general Ednardo D’Ávila; Vladimir Herzog; Manoel Fiel Filho; Carlos Alberto Brilhante Ustra; Nelson Veiga; Alexandre Von Baumgarten; Dina Staf; tenente-coronel Rufino Ferreira Neves; tenente-coronel Laurindo Ribeiro; Armando Teixeira Frutuoso; Osvaldo Maciel; subtenente Arthur Wilson Pitsch; “doutor Marcos”; general José Pinto Rabelo; general Ademara da Costa Machado; José Luis Del Roio; Ideli Salvatti; Paulo Vanucchi; Augusto Boal; Samuca Iavelberg; Lenine Arroyo; Gildásio S. Consenza; general Reinaldo Melo de Almeida; José Sarney; Marilene Villas Boas; coronel Dickson Graef; Índia Poti; Torben Graef; Lars Graef; Delfim Neto; Inês Etienne Romeu; Maria Trindade; Carlos Eduardo Carvalho; Hilda Helena Boaventura Sobrinho; Alcir Henrique da Costa
Locais citados:	Rua Pio XI, 767 (Lapa, São Paulo); DOI-CODI (rua Tutóia, São Paulo); DOI-CODI (Rua Barão de Mesquita, Rio de Janeiro); Presídio do Barro Branco/Hipódromo; DOPS-SP
Organizações citadas	Partido Comunista do Brasil (PCdoB); Ação Libertadora Nacional (ALN); PRC

1 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** - São Paulo, Comissão Nacional
2 da verdade, dia 7 de agosto de 2014, 9h56. Estão presentes a pesquisadora Raissa
3 Ventura, a pesquisadora Camila Braga para o depoimento do Senhor Pedro. O senhor
4 pode falar seu nome completo e começar.

5 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Pedro Estevam da Rocha Pomar. Eu queria passar
6 um exemplar do livro para vocês. Acho que aí tem uma série de informações
7 importantes que foram, inclusive, usadas em vários livros depois. Como vocês
8 preferem? Vão fazer perguntas?

9 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** - Não, eu acho melhor você falar o
10 que você preparou, enfim, é muito livre neste sentido para você construir a narrativa
11 como você julgar a mais...

12 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Tá certo, bom, eu inicialmente quero esclarecer
13 que eu sou filho de Wladimir Pomar, que foi preso e torturado no episódio da Lapa, sou
14 neto de Pedro Pomar, que foi assassinado neste episódio. Ambos eram dirigentes do
15 Partido Comunista do Brasil na época. Este episódio ocorreu no dia 16 de dezembro de
16 1976. O ápice desta operação da ditadura militar contra o Partido Comunista do Brasil
17 foi o ataque à casa 767 da rua Pio XI, então este episódio ficou conhecido como a
18 “Chacina da Lapa” ou “Massacre da Lapa”. No ataque à casa morreram Pedro Pomar e
19 Ângelo Arroyo. Antes mesmo do ataque à casa já havia morrido, durante a madrugada,
20 João Batista Franco Dumont no DOI-CODI na rua Tutóia. Nessa ação também foram
21 presos vários militantes que viriam a ser torturados. Aldo Arantes, Haroldo Lima, Elza
22 Monnerat, Wladimir Pomar, Joaquim Celso de Lima, Maria Trindade. Também foi
23 levado a julgamento, posteriormente, a esposa de Haroldo Lima, Solange Lima, mas eu

24 não me recordo se ela chegou a ser presa. Essas outras pessoas foram presas antes do
25 ataque à casa, na medida em que elas eram levadas por companheiros para outros
26 pontos da cidade, para que voltassem ao seus estados de origem ou a suas residências,
27 porque era uma reunião do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil e estas
28 pessoas vieram de vários pontos do país e também de São Paulo. Então o cargo era
29 seguido e as pessoas eram capturadas sem que os outros soubessem. E assim eles foram
30 capturando várias pessoas porque a casa já estava sendo monitorada desde o início da
31 reunião. As pessoas acreditam erroneamente que a casa foi atacada durante a reunião. A
32 casa foi atacada quando a reunião já havia acabado. A reunião durou quatro dias, e no
33 dia 16 de madrugada acontece o ataque quando a reunião já havia terminado. Como é
34 que o Exército localizou esta casa? Ele prendeu no Rio um dirigente do partido
35 chamado Jover Telles, este dirigente provavelmente foi torturado e certamente foi
36 pressionado e acabou fazendo um acordo. Hoje já se sabe os termos do acordo, ele foi
37 subornado com uma quantia em dinheiro e com empregos para ele, a filha dele, este
38 cidadão Jover Telles. Sabe a partir de depoimentos de agentes do Exército,
39 especialmente o general Leônidas Pires Gonçalves que na época era o chefe do CODI –
40 Comando Operações Defesa Interna do I Exército. Este posto é sempre exercido pelo
41 chefe do Estado Maior, e o chefe do Estado Maior era o Leônidas e ele assume que
42 ele...o comandante, ele deu um longo depoimento para aquela coleção da CPDOC, da
43 Fundação Getúlio Vargas, depois ele deu entrevistas também. Então ele foi um dos
44 principais responsáveis pela montagem desta operação ainda no Rio. E ela foi então
45 obtida a custo deste acordo espúrio com esse dirigente chamado Jover Telles. O Jover
46 não tinha o endereço da casa, mas eles descobriram a casa porque o Jover concordou em
47 ser seguido, sem avisar os companheiros. Então eles montaram uma operação em que,
48 segundo me relatou Marival Chaves do Canto, que é um ex-militar, o Jover teria vindo
49 sozinho pra São Paulo e marcou um ponto, avisou para a repressão. Primeiro fez um
50 ponto com a repressão com o DOI-CODI do I Exército, porque ele foi preso lá, e depois
51 então ele foi simplesmente seguido, quer dizer, esperaram que ele fosse acompanhado e
52 seguiram o carro até a casa da Lapa. Foi assim que eles descobriram o local. Depois eles
53 cercaram, passaram a fotografar a casa. Eles tinham pleno domínio da situação. E o
54 Jover foi uma das pessoas levadas de volta pelo Joaquim Celso de Lima e pela Elza
55 Monnerat, que eram os militantes que retiravam as pessoas da casa. Eles sabiam,
56 obviamente, um por ser motorista, outro por ser dirigente responsável pela casa, ele
57 sabiam onde era a casa. Então eles andavam com os olhos abertos. Os outros tinham que
58 andar com os olhos fechados porque não podiam saber aonde era a casa. E a partir de
59 um determinado momento, quando na última saída da casa que foi levando o Jover
60 Telles e outro militante chamado José Gomes Novais, ficou evidente que o carro estava
61 sendo seguido. Então eles param. Pararam o carro em Pinheiros, nas proximidades da
62 avenida Faria Lima. Os dois desceram, e os dois fugiram, né. O Jover e o José Gomes
63 Novais. Logo em seguida, o Joaquim Celso e a Elza Monnerat são então capturados. O
64 Joaquim ouviu de um dos militares dizer: “Agora pode começar”. Quer dizer, era o sinal
65 para começar o ataque à casa. Então o José Gomes Novais permitiu-se que ele fugisse,
66 na verdade, porque era preciso manter encoberto o fato que o Jover havia colaborado.
67 Se apenas o Jover fugisse ficaria muito evidente. Então José Gomes Novais conseguiu
68 sair livre. Conseguiu sair livre. Essa operação, ela foi coordenada pelo Centro de
69 informações do Exército, que eu aqui usei a sigla CIE, mas também vejo usar CIEx.
70 Depois foram dadas várias indicações que a operação foi realmente coordenada pelo

71 CIEEx. Com a participação de contingentes do DOI-CODI, do I Exército e do II Exército,
72 que como a ação foi em São Paulo, teoricamente o comando deveria ser do DOI-CODI
73 do II Exército e do DOPS também. Quer dizer, havia policiais também, a presença do
74 Fleury foi relatada por várias pessoas, inclusive por dois jornalistas: o Nelson Veiga,
75 cujo relato está presente no livro e o Pedro Martinelli, que era um fotógrafo e que
76 relatou em uma reportagem da revista Playboy ter cruzado com Fleury naquela
77 madrugada e ficou interessado em saber o que ia acontecer e tal, e disse que fez fotos de
78 todo o episódio e que ele não sabe onde estão as fotos. Estas fotos teoricamente estão
79 em poder do arquivo do jornal *O Globo*. Seria interessante fazer esta pesquisa para
80 saber se eles têm fotos inéditas, ou alguma foto que traga uma informação interessante.
81 Então houve vários depoimentos da participação do Fleury. O Exército montou uma
82 versão de tiroteio, ou seja, os participantes da casa teriam resistido à ordem para se
83 entregar, então houve um tiroteio e aí eles vieram falecer. E esta versão é totalmente
84 inconsistente com os relatos de vizinhos, com relatos de jornalistas, com as provas da
85 própria perícia. Existem contradições em relação ao número de armas. Foram dois
86 peritos, fizeram o laudo. Um perito fez um laudo do local todo, e outro fez um laudo
87 sobre as armas. Existe uma contradição muito grande entres os dois laudos, então um
88 dos peritos...na página 30...isso começa em um capítulo inteiro na página 29. Então um
89 perito é o Alceu Almeida Proença que fez o laudo geral, e há uma perita que se chama
90 Eliana Menezes Sansoni, que fez o laudo das armas. Então o perito Proença diz que
91 havia duas armas de fogo na casa, isto está na página 33. Os ocupantes usaram as duas
92 armas de fogo na casa, isso está na página 33: “Os ocupantes usavam duas armas de
93 fogo”. A perita Sansoni diz que havia cinco armas de fogo na casa, e que os ocupantes
94 usaram três destas armas. Quer dizer, é uma contradição muito grande, né? Além disso,
95 as armas são extravagantes, tem até um sabre, tem um sabre. Tem armas muito antigas e
96 tudo indica que estas armas realmente foram plantadas. As fotos, os exames das fotos,
97 também da cena, mostram claramente que os corpos foram mudados de lugar, houve
98 uma montagem do ambiente. No corpo do meu avô aparece óculos, e ele só usava
99 óculos para ler. Ele não ia ler durante um tiroteio. Então assim, são várias contradições e
100 é possível ver isso pelos depoimentos dos vizinhos, matérias de jornal etc. E os disparos
101 que teriam sido efetuados de dentro da casa, eles são completamente incongruentes com
102 quem está se defendendo e supostamente mirando em alvos externos. Isso tudo é
103 detalhado neste capítulo. E o depoimento do Nelson Veiga, que é um repórter de TV,
104 que vai até lá e acaba sendo agredido pelo Fleury justamente porque ele flagra a cena e
105 tinha acabado de acontecer. Ele é agredido e levado dali, ele chega a ser detido. Ele e o
106 cinegrafista, que se chamava Chumbinho, e este cinegrafista, eu fui até a casa dele e a
107 ditadura já tinha supostamente acabado, acho que foi em 86 que eu localizei e ele não
108 quis falar de jeito nenhum. Estava apavorado.

109 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - E eles teriam o levado pro DOPS,
110 é isso?

111 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Eu relato aqui. Tenho depoimento dele no final.
112 Página 18.

113 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - Depois ele fala?

114 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Depois tem o depoimento dele no final também, tá
115 por extenso, né. Então tem o relato aqui: “Veiga tivera cuidado de estacionar o carro da
116 reportagem a distância”. Isto está na página 19: “Para não chamar atenção. Mandara
117 também que o cinegrafista não se aproximasse muito da casa pelo mesmo motivo. Então
118 resolve entrar para ver do que se trata beneficiando-se do fato que ali há muita gente à
119 paisana, certamente é tido como um agente, um policial a mais. Chega dentro da
120 residência, vê os corpos de Arroyo e Pomar e não vê arma alguma ao lado deles. Está
121 examinando tudo quando é interpelado por Fleury. ‘O que é que você está fazendo
122 aqui?’ irritado, o delegado reconhece o veterano repórter de polícia, com quem teve
123 uma desavença em seus tempos de investigador. Veiga tenta argumentar que é um
124 profissional e está ali a serviço, mas Fleury, possesso, atíça os agentes contra ele: ‘Este
125 cara é jornalista, como é que vocês deixaram entrar?’. Agredidos a socos e coronhadas
126 de metralhadora, Veiga é detido e levado ao DOI-CODI na rua Tutóia. A operação
127 urbana oficialmente desencadeada pelo Exército uma semana antes, em 10 de
128 dezembro, com o fim de executar alguns dos principais dirigentes do PCdoB, e prender
129 vários outros, é incapaz de evitar, apesar do minucioso planejamento, a incômoda
130 presença de alguém que não veria no aparelho da rua Pio XI qualquer arma que não as
131 portadas naquele momento por militares e policiais que o invadiram.” Há documentos
132 também que foram localizados no processo e cujo o fac-símile vocês vão encontrar aqui
133 nesta edição nesse bloco de fotografias após a página 128, tem estes documentos aqui ó,
134 tá, que são os fac-símiles. São dois ofícios assinados pelo general de Brigada Carlos
135 Xavier de Miranda, que era o chefe de Estado Maior, portanto, o chefe do CODI do II
136 Exército. São documentos importantes, porque eles mostram que a repressão política, o
137 Exército tinha pleno controle da situação, e, portanto, não havia nenhuma necessidade
138 de abrir fogo contra a casa. Então, ambos são ofícios confidenciais, eles estão
139 disponíveis no processo na Justiça Militar. O primeiro ofício, ofício sem número, E/2,
140 página 26 do processo. “Do chefe do Estado Maior do II Exército ao Secretário de
141 Segurança Pública do Estado de São Paulo”, que na época era o coronel Erasmo Dias. O
142 ofício é datado no dia 10 de dezembro de 76. É curto, então, se vocês me permitirem, eu
143 vou ler: “Informo a vossa excelência que o comandante do II Exército tomou
144 conhecimento que estariam havendo reuniões clandestinas na área com comparecimento
145 de elementos ligados à subversão”, dois: “Foi montado uma operação de informações
146 em curso das investigações foram levantadas atividades subversivas de elementos
147 condenados e sobejamente conhecidos por suas atuações junto ao PCdoB, tais como
148 Pedro Felipe Ventura de Araújo Pomar, Ângelo Arroyo Aldo da Silva Arantes”. Veja
149 que aqui ele cita o nome de duas pessoas que acabaram sendo mortas no ataque. Três:
150 “Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência, por consideração,
151 General de Brigada, Carlos Xavier de Miranda confidencial pessoal”. O outro ofício é
152 datado do dia 14 de dezembro de 76, também enviado ao secretário de Segurança
153 Pública, assunto: “Operação urbana”, referência: ofício sem número, dois do 10 de
154 dezembro. Ele faz referência ao ofício anterior, primeiro: “O excelentíssimo senhor
155 General Comandante do II Exército, incumbiu-me de comunicar a vossa excelência que
156 dando prosseguimento as investigações mencionadas no ofício em referência, o DOI-
157 CODI realizara no dia 16 do corrente uma operação urbana visando a detenção de
158 militantes do PCdoB, que se encontram homiziados na casa, cita a Rua Pio XI número
159 767 bairro da Lapa da cidade. Dois: “Em consequência solicito a vossa excelência
160 providencias no sentido de que a partir das 18hrs do dia 16 de dezembro de 76, seja

161 montado um esquema de segurança com a finalidade de tranquilizar os moradores
162 vizinhos da citada residência, e os transeuntes bem como seja o transito desviado das
163 proximidades do local onde será realizada a operação”. Três: “Aproveito a oportunidade
164 para reiterar os proteges e estima e consideração. General de Brigada Carlos Xavier de
165 Miranda”. Veja, isto foi na antevéspera do ataque, eles marcaram a hora da operação e
166 pediram o bloqueio da rua. Quer dizer, eles tinham absoluto controle.

167 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** – Pedro, deixa eu te perguntar uma
168 coisa: o Jover foi preso no Rio de Janeiro quando?

169 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – A gente não sabe precisar exatamente quando, mas
170 provavelmente alguns meses antes. Provavelmente. Eu preciso rever esta questão.

171 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - Porque é importante. No dia 10 já
172 estava tudo esquematizado. Acontece no dia 16, então ele tinha que ter sido preso algum
173 tempo antes. E esta reunião já estava marcada há algum tempo.

174 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Sim, tudo isso é feito com algum tempo, e eles
175 precisaram de tempo supostamente para, além de fazer a prisão, ter o processo de
176 convencimento de transformar esta pessoa no que eles chamavam de cachorro. O
177 Marival Chaves do Canto diz que eles pretendiam continuar usando o Jover como
178 cachorro. Isso de algum modo falhou.

179 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - E o Marival, ele fez parte
180 diretamente da operação?

181 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – O Marival diz que sabia da operação e que, se eu
182 não me engano, estava no DOI-CODI do II Exército quando dessa operação...é uma
183 pessoa que tem que ser ouvida também, porque tem informações de dentro. Ele dá
184 inclusive...olha aqui, pagina 184: “Em dezembro de 1976 o Sargento Marival Chaves
185 Dias do Canto servia no DOI-CODI São Paulo. E foi observador privilegiado dos
186 bastidores da Operação da Lapa. Em 1985 desligou-se do Exército e 1992 denunciou em
187 detalhes as circunstancias em que diversos dirigentes comunistas foram assassinados e
188 tiveram seus corpos ocultados”. E aí a entrevista que eu fiz com ele. Essa entrevista eu
189 fiz com ele em Vitória: “Quando você tomou conhecimento de que se organizava uma
190 operação que teria como resultado a ação da Lapa”? “No momento em que vieram para
191 a então DOI-CODI do II Exército, os agentes do Rio de Janeiro, porque de repente
192 apareceram dez carros do Rio de Janeiro, com o chefe de operações do DOI do I
193 Exército. Isto pressuponha o desenvolvimento de uma operação conjunta com o DOI do
194 II Exército”. “Quem era o chefe de operações”? Doutor Luiz, entre aspas, nome fictício,
195 era um major. “Foi o mesmo que no atentado do Rio Centro chefiava a sessão de
196 operações do DOI do Rio de Janeiro.” Portanto aqui, esse é um nome que eu nem inclui
197 nessa relação aqui, mas é importante porque mostra um elo aí, até mesmo com outros
198 crimes cometidos. “A operação da Lapa foi autorizada por Brasília”? “A operação
199 envolveu dois órgãos. Os DOIs eram setorizados quando atuavam fora dos limites,
200 teoricamente teriam de ter autorização. Como era uma operação de grande envergadura
201 e envolvia um enorme número de agentes, suponho que pelo menos o ministro do
202 Exército tinha conhecimento, via Centro de Informação do Exército, CIE”. “Em que
203 momento você ficou sabendo que a operação tinha sido possível graças à colaboração

204 de um dirigente do partido, Jover Telles”? “Fiquei sabendo que havia um infiltrado. Os
205 agentes do DOI do Rio de Janeiro se instalaram em São Paulo e a partir daí houve
206 indiscrições. Eu só fiquei sabendo que era Jover Telles, o infiltrado, tempos depois. O
207 apelido ‘VIP’ fiquei sabendo no dia. Eu vi um mapa na sala onde se deu o planejamento
208 da operação que ficava próxima a minha, com o esboço das ruas onde se daria o ponto.
209 Nitidamente a avenida Brigadeiro Luís Antônio e suas transversais, onde o Jover seria
210 apanhado pelo carro do PCdoB para participar da reunião. Não havia ainda o endereço
211 da casa. O DOI não sabia, sou eu que digo isso.” Ele responde: “Não só o DOI, o Jover
212 também não. O carro que apanhou o Jover foi seguido e ingressou em uma casa. Aí é
213 que se descobriu a casa da rua Pio XI”. “Quer dizer, a traição do Jover consistiu em
214 deixar se seguir”, digo eu. “Sem dúvida ele tinha consciência disso, aliás, ele saiu do
215 Rio de Janeiro, lá ele foi preso, lá ele foi infiltrado, lá suas atividades passaram a ser
216 controladas”. Aqui um parênteses, tudo isso envolve tempo. “Num determinado dia ele
217 recebeu a comunicação que ele deveria participar de uma reunião no comitê central e
218 deslocar-se para São Paulo. E recebeu um ponto”. Ou seja, recebeu de outro militante,
219 que, aliás, morreu recentemente, que é um deputado federal que estava no PDT. Sergio
220 Miranda. “O Jover não poderia ter avisado os companheiros que o apanharam?”
221 responde o Marival. “Ele poderia muito bem ter chegado em São Paulo e se
222 desvencilhar da repressão, mas a coisa foi premeditada, saiu do Rio de Janeiro,
223 colaborou inteiramente”. “O que deve ter acontecido?” “Em São Paulo ele marcou um
224 ponto com o controlador dele. Do DOI do I Exército, e dali saiu acompanhado para o
225 ponto com a Elza Monnerat.” “Você acredita que Jover veio para São Paulo e não foi
226 nem seguido?” E ele responde: “Exato, saiu do Rio de Janeiro seguramente
227 desacompanhado, ficou em São Paulo solto um dia, digamos, o ponto com a Elza seria
228 as 18 horas, muito bem, marcou um ponto com o controlador as 16 horas ou um pouco
229 antes com o ponto com a Elza, depois de se encontrar com o controlador ficou
230 circulando e a repressão seguindo ele, aí ele entrou no ponto com a Elza. Tenho certeza
231 pelo seguinte, uma vez que ele já havia dito para quem o controlava que deveria
232 participar dessa reunião, que essa reunião se realizaria, não teria sentido ele viajar sob
233 vigilância. Agora, não acredito que Jover conhecesse os detalhes de planejamento da
234 operação e muito menos o seu desfecho. Poderia até influir no comportamento dele na
235 reunião”. “Porque você diz que ele foi infiltrado”? “Essa é a terminologia utilizada nos
236 órgão de repressão. O Jover era um infiltrado como o cabo Anselmo ou como o Jota,
237 que delatou e levou à morte de praticamente duas dezenas de ativistas da ALN”.

238 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade) - O Jota é o médico.**

239 **Pedro Estevam da Rocha Pomar – É, exato.** “Só que pelas circunstâncias, dois meses
240 depois de iniciado o processo de infiltração, houve essa reunião da cúpula do PCdoB
241 que ele foi obrigado a delatar e resultou naquilo que nós conhecemos”. “Você tem
242 alguma informação sobre o acordo de masmorra que a repressão fez com o Jover”?
243 “Não, mas a prática para conseguir acordos semelhantes era chantagem, coerção
244 irresistível. Isso é doutrinário. Fiz vários cursos na Escola Nacional de Informações, em
245 que essa era a tônica. Se diz que é necessário utilizar todos os artifícios, como coação,
246 coerção, a utilização do parente como instrumento de chantagem, a desestabilização
247 psicológica do preso, pagamento em dinheiro”. E aqui outro parêntese, o Leônidas fala
248 claramente que houve pagamento em dinheiro e mais recentemente, numa entrevista
249 para o repórter Geneton, agora me escapa o sobrenome do Geneton, que faz matérias

250 pro Fantástico. Um repórter conhecido da *TV Globo*. O Leônidas Pires, numa longa
251 entrevista em que mais uma vez ele negou a ocorrência de torturas, ele fala até em
252 valores. Ele falou, se não me engano, em cem mil reais, né. Na época nem existia reais,
253 então tem que ver como seria.

254 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - Mas ele fala especificamente
255 sobre esse caso?

256 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Sim, especificamente. Especificamente. Há um
257 trecho da entrevista em que o Geneton, acho que é Geneton de Moraes Neto. Precisa
258 confirmar se é mesmo esse o nome. Há um trecho da entrevista em que o Geneton
259 pergunta pra ele especificamente sobre o caso da Lapa. Então eu continuo aqui, a partir
260 do ponto que ele fala: “...desestabilização psicológica do preso, pagamento em dinheiro
261 e, por último, instrumentos que deveriam ser tornados públicos na medida em que o
262 sujeito rompesse o acordo. Fotografia do preso recebendo recursos financeiros,
263 gravação magnética”. “Você tem alguma ideia de como chegaram ao Jover”? “Não, eu
264 tenho ideia de como chegaram ao Jover”. Mas eu acho que isso é um detalhe que não
265 necessariamente nos interessa aqui. “Porque o Arroyo e o Pomar, na sua opinião, eram
266 alvos seletivos, pessoas marcadas para morrer”? “Arroyo era o dirigente militar” diz ele,
267 “e o Pomar era do alto escalão”. “Mas você acha que havia um planejamento para
268 eliminá-los”? “Não tenho dúvida que estava tudo planejado para estourar, prender e
269 matar. Todos ali eram pessoas marcadas para morrer. Se levamos em conta o
270 extermínio do PCB que havia abandonado a perspectiva da luta armada, que via como
271 forma de chegar ao poder a luta de massas, com os antecedentes do Araguaia em função
272 do PCdoB figurar sempre na prioridade Um, para efeito de repressão, não tinha porque
273 deixar vivos. Dirigentes de organizações menos importantes morreram, imagine o
274 PCdoB, que estava sempre presente na questão da luta armada”. “Em sua opinião,
275 porque as outras pessoas não morreram”? “Não morreram porque o Jover tinha que sair,
276 ele era um agente infiltrado que mal tinha começado.” Então, isso aqui, se essa
277 suposição dele estiver correta, isso é muito grave, quer dizer, eles poderiam ter matado
278 muito mais gente naquele ataque. “Você chegou a analisar o produto dos interrogatórios
279 dos presos da Lapa”? “Sim”. Então, portanto, ele trabalhou na análise. “Você sabia que
280 estavam submetidos à tortura”? “Perfeitamente”. “Que os depoimentos estavam sendo
281 conseguido mediante a tortura”? “Era prática corriqueira”. “Você chegou a ver alguns
282 desses presos”? “Não, nem o próprio Drummond, eu estava ausente no dia”. “Você acha
283 que aconteceu o que exatamente com ele”? “Ele estava sendo interrogado sob tortura no
284 andar superior em uma sala improvisada e conseguiu se desvencilhar dos algozes. Ele
285 tentou fugir e foi perseguido, só que ele não conhecia as dependências do órgão”. Aí
286 pode dizer-se que o Drummond tenha despencado na torre de rádio e tenha morrido na
287 queda, porque ele já avisou, ele já tinha avisado aos companheiros que não ia se
288 conformar passivamente com a tortura. Então ele realmente tentou fugir e sofreu essa
289 queda. E o meu pai relatou na Justiça que ele ouviu uma série de gritos lá dentro dos
290 militares, que não esperavam aquele comportamento. Então há aí uma hipótese de um
291 acidente de trabalho, entre aspas, de uma maneira muito surpreendente para os próprios.
292 Agora, o fato é que ele estava sendo torturado, este é o fato. E depois disso, eles
293 montaram toda uma farsa. Depois de morte do Herzog no DOI-CODI, morte do Manoel
294 Fiel filho no DOI-CODI, você troca o general e aí uma nova morte no DOI-CODI.

295 Então eles montaram toda uma farsa para passar como verdade que ele tivesse sido
296 vítima de um atropelamento.

297 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - Você sabe me dizer onde fica, só
298 para me localizar, a torre de rádio ali no DOI-CODI?

299 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Não. Não. Mudou bastante. As pessoas que
300 estiveram lá recentemente relatam que mudou bastante a configuração do local.

301 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - Mas ele, enfim, teria se jogado ali
302 naquele prédio?

303 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Não é que ele teria se jogado, ele teria caído ao
304 tentar escapar, como ele não conhecia o local. Então nessa queda ele teria morrido. Ele
305 teria morrido.

306 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - No prédio do DOI-CODI.

307 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – É claro, isso precisa ser investigado devidamente,
308 mas as evidências apontam para isso. Que é tão grave quanto se ele tivesse morrido sob
309 tortura, porque ele estava sob a custódia e o Estado deveria garantir a integridade física
310 dele. Bom, só para ver se aqui tem mais alguma informação. Aqui ele faz outras
311 considerações que eu acho que são importantes, mas não precisam ser colocadas agora.
312 Bom, então foi isso, o Exército uma vez conseguindo localizar a casa, ele postou as
313 pessoas em torno da casa e passou a vigiar. Existem vários relatos de que foram feitas
314 fotos, por exemplo, do Joaquim Celso de Lima na feira. Mostraram para o Joaquim
315 Celso de Lima fotos feitas. Porque como ele era um daqueles militantes de apoio da
316 reunião, então ele foi fotografado pela repressão, fazendo compras na feira, coisas
317 assim. Então, assim, havia um controle absoluto do local e das pessoas. Bom, após o
318 ataque começaram as torturas. Então existe um farto relato dessas torturas, com uma
319 particularidade: os presos, em um determinado momento, foram levados para o Rio de
320 Janeiro e passaram dez dias sendo torturados no DOI-CODI do Rio de Janeiro. Nessa
321 tortura foi usado aquele equipamento inglês, que era a geladeira. Pelo menos em alguns
322 dos presos. Eles foram torturados no Rio de Janeiro e em São Paulo. E o Exército
323 obviamente sempre negou as torturas, mas se vocês consultarem a revista *Veja* que,
324 publicada alguns dias depois, traz uma matéria a respeito com fotos das pessoas e com
325 fotos dos dirigentes capturados, vocês vão ver que já há marcas de agressões no rosto
326 das pessoas. Poucos dias depois da prisão você já vê as marcas da agressão, porque as
327 pessoas, elas passam a ser agredidas já no momento da captura, já no momento da
328 captura. E aí há extensos relatos, detalhados relatos, tanto no livro, que eu publico no
329 livro, como também no processo, porque todos eles fizeram depoimentos que foram
330 anexados ao processo após a fase do interrogatório. Porque vocês sabem que aquele
331 interrogatório de cartório é totalmente manipulado. Então eu acho que se for feita uma
332 consulta aos autos do processo na Justiça Militar vocês vão encontrar estes depoimentos
333 que eu reproduzo aqui em alguma medida.

334 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - Você escutou estas pessoas que
335 foram presas? Lógico, seu pai provavelmente sim, mas e as outras? Você chegou a ouvi-
336 las?

337 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Eu, além do meu pai, eu ouvi o Joaquim Celso de
338 Lima. Ele tem um livro chamado “Navegar é preciso”, que é uma edição, digamos
339 assim, caseira. E eu também convivi com o Joaquim etc. Então eu ouvi bastante os dois.
340 No caso do Aldo e do Haroldo. Aldo Arantes e Haroldo Lima, eu me baseei em
341 memoriais que eles fizeram para o próprio partido em função de divergências internas
342 que surgiram. Eles fizeram memoriais, são documentos bastante extensos, em que eles
343 relatam a tortura, né. Eu posso ler pra vocês alguns trechos importantes destes
344 memoriais.

345 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - Este é um ponto muito importante
346 também, para nosso trabalho e para a denúncia. Se você pudesse depois, depois que
347 você ler, relatar um pouco da história do seu pai, como ocorreu a prisão, exatamente
348 aonde, ele foi levado pra onde, um pouco das datas para contextualizar, as torturas a que
349 ele foi submetido.

350 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Eu vou ler, então, alguns trechos do memorial do
351 Haroldo Lima, eles são bastante contundentes, né: “Atacado, ferido e imobilizado,
352 introduzido em um carro, sob grande alarde quando saía da casa em que residia”.
353 Porque a captura do Haroldo teve uma particularidade, ele foi pra casa dele, foi seguido,
354 e ele só foi preso no dia seguinte, e a casa dele era onde ficava a gráfica, havia uma
355 gráfica na casa dele, a gráfica do partido. “Atacado, ferido e imobilizado, e introduzido
356 ao carro sob grande alarde quando saía da casa em que residia, tentei dentro do veículo
357 destruir a lista de onze pontos que teria por aqueles dias. Fui espancado e amordaçado.
358 Não consegui meu intento. Fiquei tranquilo com tudo, sabia que os pontos não seriam
359 descobertos pois estavam cifrados. E estava absolutamente certo de que não os
360 decifriariam.” Quer dizer, ele tinha locais, pontos agendados com outros companheiros.
361 “Ao chegar ao Rio, 24 horas após a prisão, mandam me tirar a roupa, veio-me a cabeça
362 o procedimento que tanto admiro do F”. Aqui é uma letra que remete a outro
363 companheiro. “Respondo que não tiro. Sob pancadaria despem-me, deixam-me apenas
364 com capuz algemado e mão nas costas.” O relato aqui, veja, ao chegar ao Rio 24 horas
365 depois da prisão, veja, eles já foram inicialmente despachado para o Rio. “Havia
366 perdido muito sangue com o corte na cabeça, há 24 horas não comia nada, espancado e
367 tenso estava fraco fisicamente, mas percebi estar numa sala mais ou menos ampla onde
368 havia diversos militares que hoje sei serem do DOI-CODI do Rio de Janeiro. Então
369 levantei a minha voz em enérgico protesto perante tudo que estava acontecendo. O
370 sequestro de que fui vítima, o ultraje de me tirarem a roupa, a covardia de me
371 espancaram enquanto estava amarrado. Carreguei na denúncia de tortura, no caráter
372 covarde de um Exército torturador. Falei nos assassinatos que eles já haviam perpetrado
373 de quantos patriotas e democratas especialmente de vários comunistas. Disse-lhes que
374 estava sabendo que iriam me matar, mas que veriam mais uma vez como morre um
375 comunista, batendo-se, lutando. Afiancei-lhes que tinha em mãos uma lista de meus
376 onze pontos, porém codificados e que estivessem certos que morreria, mas não
377 entregaria nenhum companheiro. À proporção que ia falando, empolgava-me. E sentia
378 pelos murmúrios, e pela zuada que a sala ia se enchendo de gente.” Aí ele continua
379 nesse relato: “Falei muito, não sei ao certo por quanto tempo. Mas calculo que por mais
380 de duas horas, em altos brados, nu, com o capuz na cabeça, e mãos algemadas às costas,
381 até que desmaiei de fraqueza e caí no chão. Depois de recuperado, fui levado
382 imediatamente à geladeira, para o início das torturas propriamente ditas. Na geladeira,

383 passei mais ou menos doze horas ouvindo sirenes, gritos histéricos, sons de explosão,
384 ruídos dos mais diversos e intensidades ensurdecedoras, submetido a variações bruscas
385 de temperatura e banhos de água gelada. Esfregando a cabeça pelo chão e pelas parede
386 consegui arrancar o capuz e ficar olhando para a porta, para incrível desespero dos
387 torturadores que passaram muito tempo sem coragem para entrar no cubículo
388 ameaçando pelo alto-falante as piores represálias se não pusesse de novo o capuz.
389 Talvez por isso, quando um deles correndo entrou no recinto e me enfiou de novo o
390 capuz, aos trompaços me tiraram daquela sinistra caixa preta que uma inteligência
391 doentia projetou com controles remotos, circuito interno de televisão etc., para
392 departamento de sevícias de um governo terrorista. Fui então algemado a uma cadeira,
393 uma poltrona. Que saberia depois ser a cadeira do dragão daquele centro de torturas. Aí
394 algemado nessa cadeira passei onze dias e onze noites ininterruptamente, só sendo
395 retirados poucas vezes para necessidades fisiológicas. As sessões de choques elétricos
396 foram ministradas nessa cadeira até poucos momentos antes de eu ser desamarrado e
397 posto no avião que me trouxe de volta a São Paulo. Nos onze dias poucas vezes comi, a
398 maioria das vezes colheradas postas na minha boca, salvo no último dia quando me
399 deram um sanduiche. Poucas horas dormi em todo o período na cadeira, algemado, nu,
400 evidentemente que nunca pondo o corpo na horizontal.” Eu acho que é um relato
401 bastante contundente, mas há outros relatos aqui, que eu gostaria de fazer.

402 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - Você pode ir falando a página pra
403 gente acompanhar?

404 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Posso, ah, eu não falei desse. Desculpe. Bom,
405 então vejamos aqui, a página 52. Vamos começar o relato do Aldo Arantes, tortura
406 chinesa: “No dia 27 de janeiro fui novamente submetido a tortura durante todo dia.
407 Amarrado da mesma forma que no dia da tortura anterior, 24, recebi fortes e
408 continuadas descargas elétricas particularmente nos órgão genitais. Com a aplicação
409 dessas descargas elétricas meu corpo se contraía violentamente, por inúmeras vezes a
410 cadeira caiu no chão e eu bati com a cabeça na parede. As contrações provocavam um
411 constante e forte atrito com a cadeira. Causa dos hematomas e feridas constatadas em
412 meu corpo pelo laudo médico.” Veja que esses depoimentos que vou ler agora foram
413 extraídos dos relatos da própria Justiça Militar, não são os dos memoriais internos.

414 **Suellen Maciel (Comissão Nacional Da Verdade)** – O anterior fazia parte do próprio
415 memorial.

416 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – “Não contentes com este tipo de tortura, meus
417 algozes resolveram submeter-me ao que chamaram de tortura chinesa. Deitaram-me nu
418 e encapuzado num colchão, amarram-me pernas e braços e prenderam estes ao meu
419 pescoço. Para não deixarem marcas dos choques colocaram pequenas tiras de gaze nos
420 meus dedos do pé. Molharam meu corpo com água por várias vezes para que a descarga
421 elétrica tivesse maior efeito. Os choques se sucederam até o fim do dia, sendo que não
422 cheguei sequer a almoçar. Além do rádio ligado em alto volume para abafar os meus
423 gritos, o torturador segurava fortemente um pano a minha boca dificultando com isso
424 minha respiração. Durante as descargas elétricas os torturadores faziam galhofas com
425 minha situação de saúde afirmando que os choques iam fazer-me louco ou curar minha
426 epilepsia” Ele é epilético, né. Agora um trecho. Você ia me perguntar alguma coisa?

427 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - Eu ia. Aqui tem especificado se
428 ele estava no Rio de Janeiro ou São Paulo neste momento? Os locais.

429 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – No dia 24 de janeiro ele estava quase certamente
430 em São Paulo. Mas isso pode ser confirmado pela leitura do processo. Eu acredito que
431 vocês consigam facilmente.

432 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - Só mais uma vez, para confirmar,
433 todos eles foram presos no dia 16, também antes...

434 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Todos foram presos no dia 16? Não. Porque alguns
435 foram levados, tanto é que o Drummond morre de madrugada. Alguns foram presos já
436 na noite do dia 15. Aí isso é relatado em detalhes aqui, teria que procurar. Mas eu posso
437 procurar pra você. Aí um trecho extraído do relato do Haroldo Lima: “Os
438 interrogatórios no DOI transcorreram em clima de aberta ameaça até o dia 5 de janeiro.
439 Neste dia recebi choques elétricos e golpes generalizados pelo corpo. Das nove horas da
440 manhã as dezesseis e trinta mais ou menos. Ao final o odor que exalava de meu corpo
441 era tal que fui levado rapidamente a um banho de chuveiro.” Agora um relato do meu
442 pai, Wladimir Pomar. Também relato manuscrito à 1ª Auditoria da Segunda
443 Circunscrição Judiciária Militar: “Na primeira vez em que fui conduzido a este órgão do
444 II Exército”, depois que retornou do Rio de Janeiro, aqui um comentário que foi
445 inserido: “Não suportaram o mau cheiro que exalavam de meu corpo e de minhas
446 roupas, fazendo-me então lava-las e tomar um banho. No dia 21 de janeiro pela manhã,
447 justamente ao dia seguinte a quebra de minha incomunicabilidade e de tomar
448 conhecimento das mortes violentas de meu pai, de Ângelo Arroyo e de João Batista
449 Franco Drummond, recebi golpes na cabeça e nas costelas, assim como choques
450 elétricos. Fizeram com que eu permanecesse encapuzado e ameaçavam, sobretudo,
451 despir-me, pendurar-me a aplicar-me choques elétricos em meus órgãos genitais.
452 Afirmaram diversas vezes já haver prendido minha esposa e a torturariam junto
453 comigo”. E aqui um relato do Joaquim Celso de Lima. Ele foi torturado no DOPS
454 durante dois meses, pau de arara, choque elétrico, pancadas com madeira quadrada na
455 sola dos pés, e depois foi espancado também no DOI-CODI do II Exército. Aí vem o
456 depoimento, então, na página 54, do Joaquim Celso de Lima: “Retiraram do carro e
457 começou o aperitivo de socos e pontapés. Por baixo do capuz, percebi a barra das calças
458 dos torturadores, eram muitos, revezavam-se seguidamente. O clima entre eles era de
459 festa, um rádio estridente a todo vapor falava e tocava permanentemente. De tempo em
460 tempo era trocado de sala e tinha a impressão que todas as salas eram verdadeiros
461 cubículos. Tudo parecia um aperitivo para uma grande janta. Pois nada de perguntas e
462 sim reprimendas e desaforos estúpidos a moda militar. Depoimentos prestado em juízo
463 na 1ª Auditoria da Segunda Circunscrição Judiciária Militar.” Então essa questão
464 ganhou um destaque muito grande, porque tinha acontecido tudo aquilo em São Paulo
465 com a morte do Herzog. Tudo aquilo estava muito presente, já não havia mais censura
466 prévia, desde 1975, da imprensa, e os advogados conseguiram de alguma forma fazer
467 percutir aquelas denúncias, então o Dilermando, que é o comandante Dilermando
468 Gomes Monteiro, que era o comandante do II Exército, foi obrigado a vir a público para
469 desmentir e não conseguiu. Ficou muito evidente que havia torturas. Aqui no livro há
470 uma série de relatos sobre essa disputa de versões, entre o Dilermando e os advogados,
471 particularmente o Luiz Eduardo Greenhalgh, que foi o advogado de alguns dos presos,

472 outros advogados importantes, Mario Simas foi advogado da Elza Monnerat. E eu acho
473 que o Edibal Piveta também atuou nesse caso como advogado do Joaquim Celso, se não
474 me engano. E Marcia Ramos que atuou junto com o Greenhalgh, são advogados que
475 podem ser ouvidos sobre isso. E aqui tem na página 59 o relato de uma conversa entre o
476 Greenhalgh e o Almirante Júlio de Sá Bierrenbach, que era ministro do Superior
477 Tribunal Militar. O caso acabou chegando ao Superior Tribunal Militar como apelação,
478 as penas foram reduzidas e o Greenhalgh arguiu a suspeição do Dilermando. Porque o
479 Dilermando que era o comandante aqui, quando o caso chegou no STM ele era um dos
480 Ministros, então ele levantou a questão da suspeição. E depois que terminou a sessão, o
481 Greenhalgh, então, houve um diálogo, que foi assim relatado pelo Greenhalgh. No final
482 da sessão Greenhalgh foi chamado ao gabinete do Almirante Júlio de Sá Bierrenbach,
483 dos ministros do STM. “Doutor Greenhalgh, é verdade que os réus foram torturados”?
484 “Vi com meus próprios olhos, almirante”. “Mas o Dilermando me disse que ninguém
485 foi torturado. Quem está falando a verdade, o senhor ou o Dilermando”? “Eu não minto
486 Almirante”. Então Dilermando mentiu para mim”, diz o Bierrenbach. Então tem vários
487 trechos aqui de como o Dilermando entendia a atuação do DOI-CODI e há uma coisa
488 importante, ele acobertou aquele policial, que foi o principal responsável pela morte do
489 Herzog. E esse era um policial que se via no DOI-CODI e o Dilermando não permitiu a
490 prisão dele, certo. Não permitiu a prisão dele. Isso eu vou localizar depois pra vocês
491 porque isso mostra muito quem era o Dilermando, que aliás, um dia antes do ataque, fez
492 um discurso no batalhão, no antigo batalhão de guarda da Polícia do Exército, em que
493 ele fala que é preciso vibrar o chicote contra os vendilhões da pátria. E no dia seguinte
494 há o ataque à casa da rua Pio XI, na Lapa. E eu acho que isso, essas são as questões
495 principais, se vocês quiserem fazer mais perguntas.

496 **Raissa Ventura (Comissão Nacional da Verdade)** - Se a gente pudesse voltar um
497 pouco só para a história do seu pai. Quando ele foi preso, como, por onde ele passou,
498 quanto tempo ele passou, quanto tempo foi condenado, quanto tempo ele cumpriu?

499 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Meu pai foi preso acho que na Santo Amaro, na
500 avenida Santo Amaro. Ele foi bastante seguido antes de ser preso e ele começou a notar
501 que estava sendo seguido. Então ele começou a se desvencilhar dos documentos, de
502 papeis, essa preocupação que os militantes têm. Ele acendeu, digamos assim, o sinal de
503 alerta quando parou um carro do lado dele pra pedir informações. Depois que ele foi
504 deixado pelo Joaquim e as pessoas, era um casal que olhava bem pra ele, então ele
505 sacou que tinha alguma coisa. Ele começou a perceber que estava sendo seguido e
506 tentou-se despistar os caras, não consegui, e quando ele foi preso ele fez um escândalo,
507 né? Procurou chamar atenção dos populares, mas ele foi rapidamente colocado em um
508 camburão, ele ficou incomunicável por bastante tempo. Ficou incomunicável durante
509 um mês, aproximadamente. E depois passou por todo esse processo, quer dizer, foi pro
510 Rio de Janeiro, foi torturado na geladeira no Rio de Janeiro, depois foi trazido de volta
511 para São Paulo, e depois, como todos os outros, foi processado, foi condenado a cinco
512 anos de prisão, dez anos de perda dos direitos políticos. Ele acabou saindo em setembro
513 de 78, é isso? Da cadeia. Ele recebeu liberdade condicional e saiu antes de cumprida
514 toda a pena. Cumpriu a pena no presídio do Barro Branco/Hipódromo. E durante o
515 período em que esteve preso, com os outros companheiros que caíram junto com ele,
516 que foram presos com ele, eles discutiam muito de como foi possível essa tragédia. De
517 como foi possível o Exército localizar a casa e aí a partir de todas as conversas, e

518 juntando os elementos aparentemente desconexos, ele chegou à conclusão de que tinha
519 sido o Jover. Ele foi a primeira pessoa que levantou isso, né. A partir das conversas, das
520 informações, porque havia vários detalhes, até da aparência fisionômica. Por exemplo, o
521 Jover usava uma barba, coisa que ele nunca usou, e a barba, o motivo é bastante óbvio
522 que é a repressão poder identificar o cara facilmente, e com isso garantir a preservação
523 do seu informante. Foram vários elementos de convicção que acabaram levando, mas
524 não havia certeza até que o Jover, que era uma pessoa muito conhecida no Rio Grande
525 do Sul porque tinha sido deputado estadual, tinha sido líder sindical, foi encontrado por
526 antigos militantes em uma loja de presentes, que eu suponho tenha sido comprada com
527 o dinheiro do suborno. E não tinha uma explicação, porque ele nunca mais procurou
528 ninguém, não procurou o partido. Ele simplesmente foi cuidar da vida dele. Então a
529 partir daí o Partido Comunista do Brasil entrou em contato. Isso já foi bem depois do
530 ocorrido, e o Partido Comunista do Brasil procurou o Jover e pediu explicações. E aí o
531 Jover teria feito uma carta, essa carta nunca apareceu pra ninguém. Mas eu consegui
532 localizar o Jover em Porto Alegre, fiz uma entrevista com ele que tá no livro. E ele não
533 tem nenhuma explicação, ele simplesmente não tem nenhuma explicação convincente. E
534 ele omite o fato de que ele foi preso. Ele omite o fato de que ele foi preso. Quer dizer,
535 você não pode omitir isso. Você tem que revelar, se você foi preso você tem que dizer
536 para seus companheiros. Então, se você omite você quer esconder algo, certo? Esse
537 cidadão morreu acho que em 2008, em Florianópolis, ele estava morando em
538 Florianópolis, onde ele fazia parte de um clube de poesia.

539 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Então seu pai é preso no dia 16,
540 é isso, né? Desculpe insistir nesse ponto, mas a gente precisa...

541 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Meu pai foi no dia 16, exatamente. Aliás, o meu
542 pai ia ficar na casa, e só não ficou porque ele tinha uma consulta no oftalmologista, este
543 detalhe que talvez o tenha salvado. Porque uma das pessoas que estava na casa
544 conseguiu sobreviver, que é a Maria Trindade, que morreu acho que há alguns anos
545 atrás.

546 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Ele foi levado para o DOI-
547 CODI?

548 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Ele foi levado para o DOI-CODI e de lá para o Rio
549 de Janeiro.

550 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Durante o mês em que ele ficou
551 incomunicável ele permaneceu o tempo todo no DOI-CODI ou foi quando nesse
552 período ele vai para o Rio de Janeiro?

553 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** - Os presos foram todos juntos pro Rio de Janeiro.
554 Os dirigentes foram todos, e como você pode ver pelo relato do Haroldo, eu estava
555 falando em dez dias, mas o Haroldo fala em onze dias. Então eles foram e depois
556 voltaram pra cá. E aí há detalhes que são difíceis de estabelecer, porque havia um vai e
557 vem dos presos entre o DOPS e o DOI-CODI aqui em São Paulo, que o Greenhalgh
558 relata. E há inclusive documentos no processo, que são recibos de presos. Tem um
559 documento que eu menciono aqui que é um recibo. O cara dá um recibo. O DOI-CODI
560 dá um recibo que recebeu o preso tal, que no caso era o Haroldo. Então é muito difícil

561 estabelecer no dia tal, onde estava. É preciso fazer uma investigação muito minuciosa
562 para ter alguma certeza a respeito disso assim. Acho que o importante de destacar é que
563 os presos foram inicialmente levados para o DOI-CODI do I Exército, onde foram
564 torturados, depois foram trazidos para São Paulo e foram torturados aqui no DOI-
565 CODI do II Exército e alguns também no DOPS, como a gente viu relato do Joaquim
566 Celso de Lima. Agora tem...desculpa, você tinha outra pergunta?

567 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Você tinha quantos anos na
568 época da prisão do seu pai?

569 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** - Em 1976 eu tinha 19 anos.

570 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Então você participou das
571 visitas?

572 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Não, quem participou das visitas foi o Valter, o
573 Valter conhecia todos os presos políticos, porque quando as pessoas iam visitar os
574 presos não podia visitar só o familiar, tinha que visitar todo mundo por uma questão de
575 solidariedade. O Valter era bem novo na época e todos o conheciam lá. Mas eu morava
576 no Pará quando aconteceu isso.

577 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – E a sua mãe, companheira do seu
578 pai, eles a ameaçam? Ela chegou a ser detida?

579 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Não, ela não chegou a ser detida, mas eu falo de
580 uns delegados e depois eu quero retomar a parte aqui sobre os agentes. O Alcides
581 Singillo fazia comentários para os advogados de que o Greenhalgh estava escondendo
582 mulher de preso, que os advogados estavam escondendo mulher de preso, porque
583 ele...havia insinuações, havia ameaças de que eles queriam localizar as pessoas que
584 tinham contratado os serviços dos advogados, os parentes, a esposa etc. Minha mãe não
585 era propriamente uma militante, minha mãe era uma simpatizante, uma apoiadora. Mas
586 havia essa pressão, entendeu. Mas não, ela não chegou a ser presa.

587 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Mas precisou ir para a
588 clandestinidade, ou se esconder em alguma medida?

589 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Sim, nós tivemos na clandestinidade durante...

590 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Estas coisas são muito
591 importante, porque além de humanizar a história que é parte importante do relato,
592 mostra a extensão do tipo de violência, que não só as pessoas que foram presas foram
593 submetidas, mas a família de uma maneira geral é submetida, então. Por isso, então. O
594 que é viver na clandestinidade, o que é crescer nessa lógica? São dados importantes e
595 que merecem ser ilustrados.

596 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Sim, nós não usávamos os nossos nomes. Eu usava
597 o nome de Marcos Soares. Apenas o Valter, como era mais novo, não precisou mudar o
598 nome, mas eu e meu irmão usávamos outros nomes. Minha mãe também usava um
599 nome falso. Nós vivíamos sim na clandestinidade, seguramente. E ela, naquela época,
600 nós todos morávamos em Belém, e ela teve que vir pra cá e recebeu apoio da igreja, de
601 Dom Paulo Evaristo Arns e como é? Fernando Haddad? Como é que se chamava? Um

602 padre chamado Haddad e eu posso depois conseguir o prenome dele pra vocês, não me
603 recordo agora, foi muito importante nesse apoio que minha mãe recebeu que foi o que
604 permitiu a ela conseguir uma remuneração aqui em São Paulo, consegui um lugar,
605 inclusive para residir, porque ela estava na clandestinidade com todas as dificuldades
606 imagináveis. Teve que praticamente vender as coisas em Belém, assim, praticamente
607 doar as coisas pra conseguir algum dinheiro, consegui ajuda de alguns parentes nossos
608 em Belém também para poder vir pra cá e montar a defesa do meu pai. E aí ela entrou
609 em contato com o Greenhalgh para que ele fosse o advogado. E aí essa atuação desse
610 padre Haddad é lembrado por ela com muito afeto, com muita consideração, porque foi
611 fundamental nesse momento bastante difícil para ela. Para ela e para o meu irmão
612 Valter, que estava junto com ela nesse momento. Porque meu outro irmão estava
613 estudando, Milton. Agora ele se chama Wladimir, porque o seguinte, Milton é o nome
614 que ele usava, assim como eu usava o nome de Marcos. E ao conseguir o nome de volta
615 na justiça, ele conseguiu incorporar o Milton. Então agora ele se chama Wladimir. Mas
616 o nome dele mesmo é Wladimir. Bom, então ele estava em Minas Gerais estudando,
617 aliás, curiosamente nessa época ele estava servindo ao Exército nessa época e eu estava
618 no Pará trabalhando. Então minha mãe veio pra cá com o filho mais novo que é o
619 Valter, que tá aqui, que era um menino na época, para garantir a defesa do meu pai
620 enfrentando todos esses problemas de apoio e de subsistência.

621 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – E é ela que ele descobre que ele
622 foi sequestrado, ela que descobre o paradeiro dele? Tem toda aquela odisseia dos locais?

623 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** - Então acontece o seguinte, esse caso, por isso que
624 eu falei para vocês, tem uma diferença em relação aos casos anteriores por quê? Porque
625 já não havia mais a censura. Então o ataque foi noticiado em vários jornais e logo
626 depois sai a notícia da prisão. Quando sai a notícia da prisão, já fica muito mais difícil
627 de você matar as pessoas, obviamente, e também fica mais fácil localizar, porque
628 alguém prendeu, alguém é responsável por essas prisões, então não houve grande
629 dificuldade para localizar.

630 **Valter Palmar** – O cônsul dos Estados Unidos entrou em contato com o Dom Paulo
631 Evaristo Arns, o presidente dos Estados Unidos era o Jimmy Carter. Que estava fazendo
632 uma pressão sobre o governo militar brasileiro. Esse cônsul está vivo ainda, que eu
633 saiba.

634 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Frederick Chapin

635 **Valter Pomar** – E é alguém importante porque ele recebeu informação de algum
636 infiltrado do governo dos Estados Unidos no aparato militar de que tinha havido o
637 ataque e que havia pessoas presas, que até então a imprensa não tinha dado. Eu vi na
638 televisão a notícia do ataque, em Belém, no dia 17 à noite, pensei até que era a casa do
639 seu Carlos “Ferrinha” quando falou Lapa, Mooca, pra mim era a mesma coisa. Então ali
640 não havia informação se haviam pessoas presas. Quando o cônsul entra em contato com
641 Dom Paulo, o Dom Paulo procura o Exército, a partir daí...isso tá documentado no livro
642 e é um episódio importante para explicar porque é que não houve a necessidade de ficar
643 comprovando que as pessoas estavam presas. Houve essa pressão.

644 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** - A *Veja* então publicou logo em seguida, uma
645 semana depois.

646 **Valter Rocha Pomar** – Que dia da semana, você lembra? Porque eu lembro que vi as
647 fotos na rodoviária de Brasília, a gente comprou a revista na rodoviária de Brasília,
648 quando chegamos lá. Isto eu lembro bem. Eu abri na página.

649 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – E você e sua mãe fazem a
650 primeira visita ao seu pai aqui em São Paulo já quando eles estavam no DOPS, ou ainda
651 no...?

652 **Valter Rocha Pomar** - Minha mãe eu não sei, eu só fui ver meu pai na prisão no
653 Hipódromo.

654 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Ele foi primeiro ao Hipódromo?

655 **Valter Rocha Pomar** – E uma informação que é na verdade é familiar, eu nem sei se
656 alguma vez a gente publicou isso em algum lugar, não tenho certeza. É, meu pai foi
657 preso em 64. À época em que ele foi preso, ele tinha minha mãe, com quem ele é casado
658 até hoje, tinha um único tio. O pai e o tio. Esse tio na época era tenente-coronel do
659 Exército, chamava José Ferraz da Rocha. Em 64 esse tio, a pedido do irmão, mandou
660 um telegrama para o quartel onde meu pai estava preso, pedindo informações. Por esse
661 motivo meu pai passou a ser tratado com mais cordialidade neste quartel, em 64.

662 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** - Na Bahia.

663 **Valter Rocha Pomar** – Por essa razão, em 76, quando ouve a queda da Lapa, nós
664 saímos de Belém, nós fomos pra Brasília, porque minha mãe pensou em repetir o
665 mesmo procedimento, pedir ajuda ao tio. Então nós fomos, ela e eu acompanhando na
666 casa desse personagem que é tio dela. José Ferraz da Rocha. Que na época era chefe do
667 Estado Maior das Forças Armadas. E ele disse em uma conversa, que eu confesso que já
668 não lembro se eu testemunhei ou eu fantasiei de tanto ouvir a conversa, mas eu estava
669 presente, que se ele não podia fazer nada dessa vez porque se ele recebesse ordens para
670 matar ele mandaria matar. Isso foi dito pelo general José Ferraz da Rocha, chefe das
671 Forças Armadas, para Raquel Pomar, que vinha a ser sobrinha dele. Então era essa a
672 posição real da cúpula do Exército.

673 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** - Tem uma frase que é publicada no livro do meu
674 pai, que é “Pedro Pomar - Uma vida em vermelho”, que acho que foi dita nessa
675 conversa também, que é o seguinte: “Não haverá contemplação”, ou seja, as pessoas
676 serão exterminadas, que o recado era “Vão embora”, que não vai haver nenhum tipo de
677 temporização”.

678 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Ainda sobre essa prisão de 64 ele
679 é preso no quartel e fica na Bahia, nesse quartel na Bahia? É isso?

680 **Valter Rocha Pomar** – Ele é preso, acusado, eu sei por causa das cartas lá. Ele era
681 funcionário da GE, estava trabalhando na construção de uma estrada de ferro.

682 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Rede Ferroviária Federal, RFFSA.

683 **Valter Rocha Pomar** – Ele e um grupo de funcionários da rede, alguns comunistas,
684 outros simpatizantes são acusados de estarem envolvidos em um complô de luta
685 armada, etc. À época, essa completa fantasia. São presos, o processo corre normalmente
686 e como tinha que ser dado a ordem de soltura, eles são sequestrados e levados para
687 outro quartel, clandestinamente, pelo próprio Exército. Depois o advogado à época
688 consegue que eles sejam todos soltos e ele, já fora da cadeia, ele entra na
689 clandestinidade. Então ele é julgado à revelia.

690 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Só um detalhe sobre isso. Essa questão aí é muito
691 grave porque você chamou de ordem de soltura, foi um *habeas corpus*. Na época ainda
692 havia o Instituto do Habeas corpus. Ele recebeu o *habeas corpus* e acho que outros
693 presos também. E o comando do local daquela unidade do Exército, o comandante, que
694 não sei se era um coronel ou um general, não aceitou o *habeas corpus* e por isso houve
695 o sequestro. Eles não queriam soltar os presos. E algum desses momentos, uma pessoa
696 que esteve com ele, eu não sei se foi em Amaralina, um desses quarteéis em que ele
697 ficou preso. Foi o Emiliano José, deputado da Bahia, que é jornalista, foi um dos
698 companheiros de prisão dele. Esse episódio está relacionado com aquela visita que o
699 Geisel faz no início do governo Castelo Branco para averiguar denúncias de torturas.

700 **Valter Rocha Pomar** – Nas tais cartas ele conta exatamente isso. Minha mãe localizou
701 cartas que ele trocou com meu pai em 64 e 76, quando ele estava preso, e aí, em uma
702 das cartas, eu mandei perguntar exatamente sobre isso. Ele fala: “Eu estava no grupo
703 sequestrado que foi levado para Amaralina, portanto vimos o pátio onde a tropa se
704 formou tendo à frente o general-comandante da 6ª Região. Nunca tínhamos assistido um
705 general de Divisão passar uma descompostura no general de Brigada em posição de
706 sentido. Não ouvíamos o que o Geisel falava, mas era evidente a bronca e o
707 constrangimento do outro. Depois, alguns tenentes mais chegados confirmara que foi
708 bronca mesmo. Geisel não foi até a cela, mas ele enviou um coronel, que prometeu que
709 a situação ia se normalizar”. Foi quando o Geisel descobre que apesar do *habeas*
710 *corpus*, eles estavam sequestrados ali. Ironicamente o Geisel, em 76, era o presidente.
711 Como piorou, não é?

712 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – E o quartel na Bahia no qual ele
713 foi sequestrado, vocês têm dados todos? Se puderem nos passar. É importante fazer a
714 arquitetura da repressão onde ele passou.

715 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** – Vocês podem ouvir também diretamente meu pai,
716 ele mora no Rio de Janeiro, está lucido e ele toparia falar. Aí obviamente seria muito
717 melhor ir lá tomar o depoimento.

718 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Você iria agora passar para os...

719 **Pedro Estevam da Rocha Pomar**- Sim, eu gostaria, aqui até que é melhor eu ler
720 mesmo, porque eu vou ler aqui, são as responsabilidades. Essa é uma relação, depois eu
721 vi que tá incompleto, mas de qualquer maneira. “A operação da Lapa contradiz
722 frontalmente o mito criado pelo governo Geisel sobre o fim dos excessos após a
723 destituição do General Ednardo D’ávila do comando do II Exército, provocado pelos
724 assassinatos de Vladmir Herzog em outubro de 1975, e Manoel Fiel Filho em janeiro de
725 1976. Os documentos comprovam que a execução de Pomar e Arroyo e as torturas em

726 que foram submetidos os demais militantes do PCdoB contaram com prévio
727 conhecimento e aprovação do general Dilermando Gomes Monteiro, homem que Geisel
728 colocou à frente do II Exército no lugar de Ednardo. Destaca-se as responsabilidades
729 dos seguintes militares e agentes da ditadura militar nesse episódio que deve ao me ver,
730 ser investigados pela Comissão Nacional da Verdade; General Ernesto Geisel, depois
731 dos desdobramentos dos assassinatos de Herzog e Fiel Filho no DOI-CODI do Segundo
732 o Exército, é implausível que uma operação dessa envergadura fosse realizada sem o
733 conhecimento do ditador. General Leônidas Pires Gonçalves, então comandante do
734 CODI do I Exército admite que subornou Jover Telles para que esse concordasse em
735 colaborar com a localização da reunião de São Paulo. Coronel do exército Carlos
736 Alberto Ustra, então ex-comandante do DOI-CODI, ele já não era comandante do DOI-
737 CODI nessa época, é citado como encarregado de acompanhar a ação pelo CIE, tendo
738 dado declarações sobre o episódio que sugerem sua participação pessoal nele. General
739 Dilermando Gomes Monteiro, então comandante do II Exército foi um dos principais
740 responsáveis diretos pelo assassinato dos militantes do PCdoB tendo autorizado o
741 ataque a casa e posteriormente encoberto a farsa montada para justificar a morte de
742 Drummond atribuída ao suposto atropelamento. Também negou a prática de tortura nos
743 sobreviventes apesar de todas as evidências.” Eu conversei por telefone com o
744 Dilermando e ele me deu uma declaração que eu reproduzo no livro, que eu acho
745 importante, porque ele admite que autorizou a operação. Ele diz que reagiu à bala, por
746 isso houve o ataque. Aí na conversa, nessa conversa que eu tive com ele, eu digo que o
747 Nelson Veiga esteve na casa, não viu armas ao redor dos corpos. Ele ironizou: “Mas
748 esse homem é um patriota, logo vai surgir um ‘polila’ nesse caso”, que é uma alusão ao
749 um dos pivôs do assassinato do Baumgarten, lá no Rio de Janeiro. Então eu pergunto
750 pra ele se ele assume perante a história responsabilidade pelo que ocorreu na casa, e ele
751 diz: “Eu assumo a responsabilidade de ter dado autorização para execução da
752 operação”. Isso é literal. Eu perguntei então se ele não admite que as pessoas tenham
753 sido assassinadas, e ele respondeu literalmente: “assassinato não, eu nunca admiti isso,
754 o que aconteceu ali foi uma coisa normal”. Foi uma coisa normal que aconteceu. Então
755 eu acho que a documentação e as declarações todas, todo o envolvimento dele deixa
756 muito claro, ele já faleceu, mas acho importante que seja apurada toda responsabilidade
757 dele uma vez que ele foi apresentado pela mídia na época inclusive como um cara
758 bonzinho. A Dina Sfat chegou a declarar que ele era um general bonzinho. “General de
759 Brigada Carlos Xavier de Miranda, chefe do Estado Maior, comandante do CODI do II
760 Exército, a quem devia obediência os agentes do respectivo DOI”. Seu nome aparece
761 nos principais documentos referentes ao ataque à casa. “Enviados pela Secretaria de
762 Segurança Pública”, como aqueles dois que eu li aqui. Então, como chefe do Estado
763 Maior, ele é também o chefe do CODI. “Tenente Coronel Rufino Ferreira Neves então
764 comandante do DOI-CODI do II Exército”, “o general Dilermando declarou a mim que
765 o Rufino que segundo ele teria falecido em 1986”, portanto meses antes dessa conversa
766 com o Dilermando, “foi quem comandou o ataque a casa na Rua Pio XI”. Essa foi uma
767 informação que o Dilermando me deu também nesta conversa. Que está no livro
768 também. “Tenente Coronel Laurindo Ribeiro, presidente do Conselho Permanente de
769 Justiça da Primeira Auditoria da Segunda da Circunscrição Judiciária militar, que em
770 1977 condenou parte dos réus a cinco anos de prisão, e cassação dos direitos político
771 por dez anos e demais membros dessa corte. No mesmo processo Armando Frutuoso,
772 assassinado em 1975 no DOI-CODI do I Exército foi condenado a cinco anos de prisão,

773 apesar de ter sua morte citada por vários réus e pedida a extinção da sua punibilidade.”
774 Então eu acho que a Comissão Nacional da Verdade está apurando o envolvimento da
775 Justiça Militar nos crimes da ditadura e obviamente, além deste tenente coronel, que é o
776 presidente do conselho de justiça, todos os membros deveriam ser investigados.
777 “Osvaldo Maciel, militar lotado no DOI do II Exército provavelmente oficial assina
778 recibo de que o preso Haroldo Lima foi encaminhado pelo DOPS em 6 de janeiro de
779 77.” Não aparece a patente dele no recibo, mas o recibo, o ofício de entrega, foi
780 encaminhando ao Coronel Comandante do DOI. E ele assina, presumivelmente ele era
781 um oficial de uma patente elevada, mas a gente não tem certeza. “Sergio Paranhos
782 Fleury, diretor do DOPS, aparece em vários depoimentos de testemunhas oculares,
783 como um dos principais protagonistas do ataque a casa e o responsável por plantar
784 provas falsas para convalidar a tese do tiroteio”. “Alcides Singillo delegado do DOPS, é
785 citado em depoimentos de advogados por suas pratica intimidatória contra estes
786 profissionais que defendiam os presos do PCdoB.” Depois eu encontrei, nessa primeira
787 edição do livro, é um trecho, é um capítulo que desaparece. Foi possível localizar o
788 nome de um subtenente do DOI, Arthur Wilson Pitsch, eu vou ler o parágrafo aqui: “O
789 único militar do Destacamento de Operações Informações do II Exército, afigurados nos
790 papéis do processo mil duzentos e trinta e cinco setenta e sete, esse é o número do
791 processo na Justiça Militar é o subtenente Arthur Wilson Pitsch o alto de exibição e de
792 apreensão do corcel DH3227”, que era o corcel dos militantes, “lavrado em 16 de
793 dezembro menciona que o carro foi apresentado por Pitsch, chefe da comissão
794 administrativa do DOI, hoje na reserva”, isso aqui foi escrito em 87, tá: “hoje na reserva
795 Pitsch reside em Suzano, São Paulo. Procurado nada declarou, disse que o regulamento
796 o proíbe”. Eu fiquei meio impressionado, eu fui acompanhado de um colega fazer essa
797 conversa e fiquei impressionado, esse subtenente é uma pessoa jovem ainda já
798 reformada morando em uma boa casa, com um bom carro. E eu achei estranho por ser
799 um subtenente, e também tão jovem, já reformado. O irmão dele também era militar,
800 servia no Rio de Janeiro, eu entrei em contato com o irmão dele também. O irmão dele
801 morava na Vieira Souto. Bom, e tem mais. Então acho que é importante essa
802 pessoa...certamente tem informações a dar, se estiver viva ainda, óbvio. Tem outros dois
803 nomes aqui que eu esqueci de acrescentar nessa lista. A participação do Erasmo nesse
804 episódio foi... não que ele não tenha responsabilidade, mas foi uma participação
805 marginal.

806 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Dr. Luís? Aquele do Rio Centro,
807 você citou também?

808 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** - Sim, Dr. Luís, que foi a informação do Marival
809 Chaves do Canto, né? Tem outro doutor que aparece nas torturas, que é o Dr. Marcos,
810 que é citado como um dos chefes da tortura no Rio. Dr. Marcos, ele é citado por vários
811 presos, especialmente pelo Haroldo. Olha aqui ó, página 62: “Penso que já se iniciava a
812 madrugada do dia 17 quando alguém, 17 de dezembro de 76, quando alguém precedido
813 de grande movimentação entrou na sala em que estava, retirou o capuz do meu rosto
814 cuidando para apertar meus olhos para que não o visse e perguntou me o nome. Neguei
815 a minha verdadeira identidade como vinha fazendo até então, pois não sabia sequer se
816 fora preso por entidades legal ou se sequestrado por alguma organização terrorista
817 clandestina, ouço então a seguinte declaração enfática”, “Você é Haroldo Borges
818 Rodrigues Lima da comissão executiva do comitê central do Partido Comunista do

819 Brasil. Diga sim ou não” confirmei meu nome e ouvi: “Eu sou o Dr. Marcos, guarde
820 esse nome pois haveremos de conversar bastante e em alto nível” “O Dr. Marcos
821 pareceu surpreso com a minha camisa ensopada de sangue e providenciou o primeiro
822 curativo para a minha cabeça”. Então aparece o Dr. Marcos também. Dois nomes que
823 precisam entrar nesta lista porque foram responsáveis pelos dias de tortura infringidos
824 aos presos no Rio de Janeiro. Generais José Pinto Rabelo, então comandante do I
825 Exército e Ademar da Costa Machado, chefe do Estado Maior do I Exército, e portanto,
826 chefe do CODI. Estes eram os principais comandantes dessa unidade, os superiores
827 hierárquicos do DOI do Rio de Janeiro, onde eles foram torturados durante estes dias
828 todos, dez, 11 dias. Pagina 61 do livro, é a mesma em que começa a referência ao Dr.
829 Marcos, tá? Sobre essa responsabilidade, você quer acrescentar alguma coisa?

830 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Tem uma questão que para a
831 gente é especialmente importante. O que você acha que o Estado brasileiro pode fazer
832 hoje em relação ao passado de violações?

833 **Pedro Estevam da Rocha Pomar** - Bom, a questão principal é o fim da impunidade
834 dos autores intelectuais e materiais dos crimes cometidos. Não só nesse episódio, como
835 em vários outros. A Lei da Anistia precisa ser modificada no dispositivo que tem sido
836 interpretado pela Justiça, como um anteparo aos torturadores como garantia de
837 impunibilidade deles, né? Então estas pessoas são intocáveis até agora, pelo menos para
838 o STF, naquela decisão de 2010, uma decisão abjeta, uma decisão sórdida, e também
839 pra outras cortes. Então é preciso modificar a Lei da Anistia. Essa anistia concedida aos
840 torturadores, ela é totalmente absurda, porque ela é uma Anistia a priori. Você nem
841 sequer individualiza as pessoas. Elas são anistiadas a partir da condição de torturadores.
842 É isso que garante a impunidade dessas pessoas. O fato de serem assassinos e
843 torturadores a serviço da ditadura militar. Você nem individualiza os casos, você anistia
844 com o paradoxo de que quando essa Lei da Anistia foi aprovada, e sabe-se muito bem as
845 circunstâncias em que ela foi aprovada, os presos políticos condenados por supostos
846 crimes de sangue não foram anistiados, eles só foram anistiados em 1988 com a nova
847 Constituição. Então os autores dos supostos crimes de sangue, que se bateram contra a
848 opressão, contra a ditadura, não foram anistiados, e aqueles que cometeram crimes de
849 sangue em favor da ditadura foram. Então essa questão ela é básica para saber se nós
850 vamos ter uma democracia no nosso país ou não. Nós não temos uma democracia. E
851 esse sentimento de impunidade, este arcabouço todo repressivo que levou inclusive o
852 ministro Barroso, do STF, a autorizar a continuação de um processo por desacato
853 movido pelas Forças Armadas contra populares do Rio de Janeiro, acaba sendo um
854 estímulo a mais para a política de extermínio que é praticada pelas policias militares,
855 especialmente as do Rio de Janeiro e São Paulo, extermínio da população jovem negra e
856 favelada das periferias. Então o que tá em jogo é o seguinte: é se nós vamos ter uma
857 democracia ou não. E para isso é preciso fazer a revisão da Lei da Anistia e punir todos
858 os autores intelectuais e materiais da ditadura que ainda se encontrem vivos. Os
859 familiares de mortos e desaparecidos políticos estão morrendo sem ver, muitas vezes
860 sem recuperar o corpo de seus entes queridos e sem ver a punição destes facínoras.
861 Recentemente, um dos companheiros do Comitê Paulista por Memória, Verdade e
862 Justiça, que é o José Luís del Roio, que vocês devem conhecer, ele é até consultor ou
863 assessor da Comissão Nacional da Verdade, esteve no Chile conversou com o
864 presidente da Suprema Corte do Chile e descobriu que existem mais de uma centena de

865 oficiais presos no Chile, entre eles vários generais. O Chile do Pinochet. Então, assim, é
866 um descalabro que essa situação permaneça, e é um total delírio falar em reconciliação
867 nacional. Porque os setores de extrema direita, comprometidos faticamente com a
868 ditadura ou simbolicamente com a ditadura, não querem reconciliação nacional. Eles
869 não querem, e não somos nós que haveremos de querer. Então essa é uma questão chave
870 para o futuro do nosso país, para o presente e para o futuro. Quando a ministra Ideli
871 Salvatti esteve em São Paulo alguns meses atrás, para nos dar boas notícias sobre a
872 apuração das ossadas da vala de Perus, eu tive ocasião de dizer isso pra ela, que o
873 Estado brasileiro precisa mudar sua posição sobre a Lei de Anistia e acatar a sentença
874 da Corte Interamericana de Direitos Humanos. Porque não tem o menor sentido em não
875 acatar por uma razão muito simples: o Brasil reconhece a Comissão Interamericana de
876 Direitos Humanos, o Brasil acaba de fazer campanha para eleger o ex-ministro Paulo
877 Vanucchi como membro da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, então não
878 tem sentido o Brasil não acatar uma sentença da Corte Interamericana de Direitos
879 Humanos que integre o mesmo sistema. Ou bem o Brasil participa ou bem o Brasil não
880 participa. Se o Brasil participa, se assinou todos os acordos, ele tem que reconhecer a
881 sentença que é muito clara e definitiva, ou seja, anistia autopromulgada, autoanistia, não
882 é válida e tem que ser anulada. É simples assim. Então eu acho que esse passo é
883 fundamental, a CNV espero que inclua isso no seu relatório final para que a gente saia
884 dessa situação escandalosa de anomia, de vexame em que a gente se encontra. E isso
885 tem repercussões não só simbólicas. Pessoas continuam sendo mortas pelas forças
886 policiais e militares. Continuam sendo mortas. Para efeitos práticos, quando muita gente
887 diz que a ditadura não acabou, para muita gente da periferia dos pobres é verdade isso.
888 A ditadura não acabou mesmo para eles. Então nós precisamos fazer essa mudança. É
889 assim que eu vejo e acredito que muitos dos familiares dos ex-presos, que estão lutando
890 por memória, verdade e justiça têm essa mesma visão. Isso já foi expresso várias vezes
891 pela Rede Brasil - Memória, Verdade e Justiça para o Comitê Paulista de Memória,
892 Verdade e Justiça. E isso precisa ser urgente. Acho que a CNV tem feito um esforço
893 nessa reta final, não sei se vai conseguir, acho que é prioritário ouvir todos os cerca de
894 mil, mil e poucos militares que atuaram nos DOI-CODI e nos DOPS, ouvir todos, de
895 carcereiro a coronel, certo? Tem que ouvir todos, porque às vezes um agente que não é
896 importante na hierarquia daquele órgão tem informações. É preciso fazer condução
897 coercitiva de torturadores que se recusem a depor ou a colaborar. E é preciso não aceitar
898 mais as desculpas esfarrapadas e afrontosas das Forças Armadas quanto à
899 documentação, retenção de documentos, aliás, o ministro da Defesa e os comandantes,
900 assessores, deveriam ser demitidos pela Presidência da República após aquele
901 pseudorelatório que foi entregue a pedido da CNV, que a CNV inocentemente, ao meu
902 ver, pediu, pediu inocentemente aquelas informações. Você não apura assassinato com
903 sindicância. Sindicância não é para assassinato. Quando eu vi que as Forças Armadas
904 abriram uma sindicância eu falei: “Meu Deus, estão brincando”. A CNV não tem que
905 pedir, a CNV tem que mandar. A CNV tem poder de polícia, ela tem que mandar vir. Se
906 não vier, tem que fazer alguma coisa para superar, não pode negociar com bandido,
907 negociar com assassino. Então essa é minha opinião, não sei se o Valter quer
908 acrescentar alguma coisa.

909 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Em relação às denúncias da
910 época, vocês, enquanto familiares, portanto diretamente atingidos, mobilizaram algum
911 canal de denúncia em relação à chacina, ao massacre e também à prisão de seu pai?

912 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Naquela época, eu vou dizer o que eu sei. Naquela
913 época foi importante a atuação da Anistia Internacional. Foi importante, por incrível que
914 pareça, a pressão dos Estados Unidos que o Valter já relatou. Havia esta política de
915 direitos humanos do Jimmy Carter. Então havia, inclusive, está registrado no livro,
916 houve reclamações de torturadores contra estas pressões. Houve uma movimentação do
917 cônsul, isso me foi relatado pelo próprio Dom Paulo, foi Dom Paulo que me passou essa
918 informação e posteriormente o nome desse cônsul, Frederick Chapin. Então o cônsul
919 estava preocupado com essa situação. Eles tinham algumas informações e não queriam
920 as mortes, o que é uma novidade em matéria de política externa americana, e então a
921 atuação da Igreja foi muito importante nesta época, a atuação da arquidiocese de São
922 Paulo em vários destes episódios para denunciar, para dar apoio aos familiares, para
923 interceder em favor dos presos, isso é bastante conhecido. A atuação de Dom Paulo foi
924 muito corajosa, foi, digamos, certamente evitou maior truculência ainda dos órgãos da
925 repressão, diferentemente do que acontecia no Rio de Janeiro. Eu acho que essas eram
926 as instituições que na época se movimentaram. Tem uma coisa muito interessante, é que
927 Portugal vivia um período do florescimento da democracia e houve um ato muito
928 impressionante de solidariedade com a participação do Augusto Boal. E houve várias
929 manifestações em Portugal a respeito destas mortes. Houve um abaixo-assinado
930 entregue ao embaixador brasileiro, que era um general. Isso está relatado no livro. Um
931 ato público com milhares de pessoas. Então, assim, houve muita movimentação em
932 Portugal de denúncia e de protesto contra essas mortes. Eu até publico a foto desse ato
933 em que aparece o Augusto Boal. Eu não sei se está nessa edição aqui. Acho que aqui
934 não está porque houve um problema de direito autoral da foto. Porque o autor da foto,
935 que é um cara ótimo, é o irmão da Iara, o Samuca Iavelberg, mas aparece no primeiro
936 livro aqui, eu vou mostrar pra vocês. Se vocês quiserem eu posso deixar pra vocês
937 tirarem xerox, olha. Aqui o Carlos Xavier de Miranda, chefe do Estado Maior do II
938 Exército, aqui o Dilermando. Algumas das fotos eu não consegui repetir nas outras
939 edições por problemas vários, mas o que eu quero mostrar pra vocês é isso aqui. Olha
940 só: “honra ao heróis tombados na luta”, esse é o Boal falando. Essas fotos são do
941 Samuca, irmão da Iara, que era militante político também. Aqui dá pra ter uma ideia,
942 olha, presente sete mil pessoas, dá para ter uma ideia. E houve um incidente na
943 embaixada brasileira por causa da entrega deste abaixo assinado, porque o embaixador,
944 que era um general, não queria receber o abaixo-assinado, então houve um...eu não me
945 lembro dos detalhes, mas isso está relatado no livro. Então que eu me lembre foi isso.
946 Assim, de repercussão. Mas como eu disse é sempre bom lembrar que ao contrário de
947 outros episódios, este já encontrou...ele acontece quando tem início o processo de
948 distensão política, ainda remotamente abertura. Então já tem essa questão que a
949 imprensa tinha um pouquinho de liberdade a mais. E o que acabou facilitando com o
950 ecoar, a repercussão, a repercussão. Eu não sei se respondi sua pergunta mais.

951 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Sim, era isso mesmo para a gente
952 mapear um pouco os canais possíveis de denúncia quando existiam. Em relação à
953 Justiça, vocês buscaram na Justiça processando algum torturador, algum tipo de coisa
954 neste sentido?

955 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Não, no nosso caso o que houve foi, meu pai entrou
956 com um processo na Comissão de Mortos e Desaparecidos que reconheceu a
957 procedência do caso, então liberou uma indenização. Houve uma indenização e o
958 reconhecimento do caso. Houve também reconhecimento dos casos do Ângelo Arroyo e
959 do João Batista Franco Drummond, e no caso do Drummond já há duas decisões
960 judiciais. Há uma primeira na qual o meu pai foi a principal testemunha, que foi que
961 reconheceu a responsabilidade do Estado na morte dele. Que é um processo de 97, ao
962 contrário do que disseram por aí. Recentemente houve outra decisão relativa ao atestado
963 de óbito dele, do Drummond. Que o juiz mandou corrigir o atestado de óbito afirmando
964 que a morte se deu nas dependências do DOI-CODI, sob tortura. Mas já havia uma
965 decisão de 97 reconhecendo a responsabilidade da União na morte do Drummond.
966 Então é isso. E sobre o Arroyo eu não sei, mas se vocês quiserem eu tenho o contato
967 com o Lenine Arroyo, que é filho dele, vocês já ouviram? Eu vou tentar conseguir o
968 telefone dele.

969 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – A gente tem umas questões
970 burocráticas. Será que a gente pode fazer? RG e CPF.

971 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Pode, mas se vocês não têm mais nenhuma pergunta
972 sobre o caso da Lapa eu gostaria de falar rapidamente sobre estes outros dois casos que
973 eu menciono no final aqui.

974 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Por favor, fique à vontade.

975 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Sobre a Lapa, você acha necessário acrescentar
976 alguma coisa? Acho que o essencial está aí. Os outros casos que eu acho importante,
977 porque me parecem que eles estão meio esquecidos. O primeiro deles é o caso do
978 Armando Teixeira Frutuoso. O Armando Teixeira Frutuoso era um militante do PCdoB
979 que foi preso em 75. Eu vou ler aqui, é mais fácil: “Assassinato e desaparecimento de
980 Armando Teixeira Frutuoso ou Fructuoso. Este dirigente do PCdoB foi executado sob
981 tortura pelo DOI-CODI do I Exército do Rio de Janeiro, presumivelmente setembro ou
982 outubro de 1975 conforme detalhado depoimento de Gildasio S. Consenza no livro
983 citado.” E aqui eu dou o capítulo 7 página 112 deste livro, esta edição terceira: “Ao
984 investigar o caso da Lapa levantei informações que evidenciam claramente a
985 responsabilidade intelectual dos dois chefes militares por sua morte. General Leônidas
986 Pires Gonçalves, então comandante do Estado Maior e do CODI do I Exército, ao qual
987 subordinava o respectivo DOI. E o General Reinaldo Melo de Almeida então
988 comandante do I Exército superior hierárquico de Leônidas. Os depoimentos de
989 Leônidas sobre este período revelam que ele acompanhava atentamente a atuação de
990 seus subordinados e por outro lado discutia as operações com o Reinaldo, portanto há
991 que investigar a responsabilidade de ambos na morte de Frutuoso, cujo paradeiro jamais
992 foi localizado.” No livro eu dedico um capítulo inteiro sobre o Rio de Janeiro que era
993 onde o PCdoB tinha uma base importante, e discuto esta questão da morte do Frutuoso.
994 O Gildásio me deu um depoimento bastante consistente também sobre a morte dele. Ele
995 está desaparecido até hoje. O Leônidas volta e meia está na mídia. Então o Leônidas é
996 apresentado para muita gente como um profissional, ele foi ministro do Exército do
997 Sarney, do presidente José Sarney e foi o responsável por aquelas mortes em Volta
998 Redonda, certo. Ele era o ministro, ele autorizou aqui, e ele atuou, como eu já relatei, no

999 caso da Lapa, ele foi um dos artífices da operação, né. E aqui, no caso do Frutuoso, é
1000 clara a responsabilidade funcional dele. Ele era o comandante do CODI e o Frutuoso foi
1001 torturado até a morte na época que ele era o comandante. Eu inclusive tive um bate-boca
1002 com ele por telefone, porque eu disse isso a ele. Ele disse que era uma petulância minha,
1003 gritou e bateu o telefone na minha cara. E isso é relatado no livro. Então eu acho que é
1004 preciso investigar, porque neste período houve outras prisões e outras torturas lá que eu
1005 relato aqui também, no DOI-CODI do Rio. E esse é um general que volta e meia vem a
1006 público para agredir a consciência democrática da nossa sociedade, e dizer que não, que
1007 não houve tortura, que as pessoas ficam falando isso e aquilo etc. E ele precisa ser
1008 investigado por sua responsabilidade no assassinato e no desaparecimento do Armando
1009 Teixeira Frutuoso. Tem que dar explicações a respeito disso. Então eu acho importante,
1010 esse caso me parece meio esquecido assim, o caso do Frutuoso. O outro caso que eu
1011 gostaria de trazer informação à Comissão Nacional da Verdade é o da Marilene Villas
1012 Boas. Não consta aqui no texto, mas ela era militante do MR8. Então vocês conhecem, é
1013 um caso bem conhecido. “Assassinada líder Marilene Villas Boas em 1971 no Rio de
1014 Janeiro”. O coronel paraquedista do Exército, Dickson Grael, que entrevistei em 1986,
1015 revelou-me na ocasião que o sargento paraquedista que servia sobre suas ordens lhe
1016 confidenciou haver entregado a jovem inteira para os agente do DOI-CODI do I
1017 Exército, ou seja, viva e em bom estado, e que depois recebeu ordens de entregar o
1018 corpo da moça para a família em caixão lacrado e constatou que estava irreconhecível e
1019 com um tiro no peito. Ela era conhecida segundo o Grael como Índia Poti. “Era uma
1020 moça muito bonita e pertencia a família proprietária das casas Gelli de Petrópolis”. Isso
1021 o Dickson Grael me contou em Niterói, na casa dele. Vocês sabem quem é o Dickson
1022 Grael? Ele é pai dos nossos medalhistas olímpicos, Torben Grael e Lars Grael. Coronel
1023 paraquedista escreveu um livro que acho que alguém na CNV deve ter lido, em que ele
1024 descreve três episódios importantes do regime militar. Um deles é a invasão do Uruguai,
1025 que o regime militar brasileiro estava planejando fazer. Chegou a fazer planos para
1026 invadir o Uruguai, e o outro é o atentado ao Rio Centro. Então estes dois que são
1027 crimes, um é um crime de sangue o outro também seria um absurdo completo. E o
1028 terceiro diz respeito à corrupção, a alguma coisa de corrupção envolvendo o Delfim
1029 Neto. Então o Dickson Grael é um militar de perfil conservador, mas que não
1030 compactua, não compactuava, pois ele morreu alguns anos atrás. Ele foi uma das
1031 pessoas mais importantes na denúncia do atentado ao Rio Centro, por uma razão muito
1032 simples. Ele já estava reformado e era responsável pela segurança do Rio Centro e foi
1033 afastado dias antes do atentado, porque sabiam que eles não iam permitir aquilo tudo lá.
1034 Era um oficial bastante respeitado na tropa como coronel paraquedista, então ele me
1035 contou esse episódio que o sargento chegou pra ele para relatar. E eu revendo o caso,
1036 não nesse livro, mas nos livros dos filhos do Nilmar, e do Tibúrcio, há uma menção que
1037 ela teria sofrido um tiro durante um tiroteio. Pois é, eu acho que precisa ver se isso
1038 coincide, porque não é o relato que o sargento fez para ele. Então talvez o tiro tenha
1039 sido dado já no processo das torturas. Para matá-la após as torturas. Precisa então checar
1040 se essa versão que eu estou trazendo aqui, isso aqui tem muitos anos e eu posso estar
1041 confundindo alguma coisa, mas isso ficou muito marcado em mim. Então é isso, eu
1042 acho que é um caso que valeria a pena rever, embora seja um caso bastante conhecido, e
1043 é uma informação que eu nunca tinha passado por escrito, eu apenas dei esta informação
1044 em um debate, sei lá, há mais de dez anos atrás, em 99.

- 1045 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – A Inês Etienne Romeu presta um
1046 depoimento em que ela diz que ela passou pela “Casa da Morte” e que ela estava
1047 baleada, afirmando também que, embora baleada, Marilena tinha sido dura. Mas isso
1048 não diz que ela foi baleada antes, naquele momento.
- 1049 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Se ela foi baleada no tiroteio, porque esse foi um raro
1050 caso de tiroteio real. Bom, de qualquer maneira é um dado que o Dickson Graef, que é
1051 um coronel do Exército, confirmando esta versão aí. Você tem as perguntas burocráticas
1052 aí?
- 1053 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Você já falou seu codinome na
1054 época, né, data de nascimento?
- 1055 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – 2 de julho de 1957.
- 1056 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Local?
- 1057 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Rio de Janeiro.
- 1058 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Você tem religião?
- 1059 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Devo responder, Valter? Não, eu nunca tive religião.
- 1060 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Mas você é materialista.
- 1061 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Materialismo não é uma religião
- 1062 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Em relação à época, você
1063 trabalhava, né? Ainda não tinha entrado na faculdade?
- 1064 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Em 76 eu não tinha entrado na faculdade e eu não
1065 tinha completado o ensino médio, minha vida foi totalmente bagunçada. Eu fiz o exame
1066 de maturidade, como se dizia na época.
- 1067 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Colegial incompleto?
- 1068 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – É, colegial incompleto.
- 1069 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – A sua profissão atual?
- 1070 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Jornalista.
- 1071 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Na época dos fatos, você
1072 trabalhava?
- 1073 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Eu trabalhava no jornal *O Liberal*.
- 1074 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Você chegou a militar no
1075 PCdoB?
- 1076 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – No PCdoB não, eu militei posteriormente na
1077 dissidência do PCdoB, no Pará.
- 1078 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – A ala vermelha?

1079 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Não, a ala vermelha é bem anterior, essa dissidência
1080 do PCdoB vai aparecer no final da década de 70. Esquerda do PCdoB. Depois uma parte
1081 desse pessoal vai se transformar no PRC do Genoíno, certo? Uma parte. Não chegou a
1082 acontecer no Pará. É isso, eu acho que esquerda do PCdoB é um nome apropriado.

1083 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Eu gostaria de confirmar as
1084 pessoas que são citadas no livro que foram presas na época do massacre. Então, Maria
1085 Trindade, Haroldo Borges, Aldo Arantes, Wladimir Pomar a Elza e o Joaquim. Só para
1086 conferir.

1087 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Sim, aí não há nenhuma dúvida, o que há é que alguns
1088 nomes eu li em determinado momento o nome completo do Haroldo, que é bem
1089 comprido e tal, mas são essas pessoas, são pessoas bem conhecidas. O Aldo e o Haroldo
1090 deputados federais, depois o Haroldo estava recentemente na Agência Nacional do
1091 Petróleo. Os que morreram, Joaquim Celso de Lima morreu alguns anos atrás, nós
1092 estivemos Valter e eu no enterro dele. A Maria Trindade também morreu recentemente,
1093 a Elza Monnerat também morreu. Aquele sobrevivente que eu relatei, o José Gomes
1094 Novaes também faleceu, mas já há vários anos, e o delator, que é o Jover Telles morreu
1095 que eu saiba recentemente, em 2008, em Florianópolis. São os principais envolvidos,
1096 né?

1097 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Pedro, tem mais alguma coisa
1098 que você queria colocar? Não sei se a Camila tem alguma coisa pra falar.

1099 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Eu não sei, tem questões internas aí que eu acho que
1100 não vale muito a pena. Acho que uma coisa que eu falei *en passant*, que talvez fosse
1101 interessante enfatizar: para muita gente a ditadura acaba com a morte do Herzog ou com
1102 a morte do Manoel Fiel Filho, que às vezes nem lembrada é. Então este episódio, e isso
1103 é assinalado no prefácio do Carlos Eduardo Carvalho, que é uma pessoa que talvez seria
1104 interessante vocês ouvirem, é professor da PUC, ele era militante do PCdoB. Assim,
1105 muitas vezes este episódio sequer é citado como tendo ocorrido. É uma coisa muito
1106 impressionante, principalmente entre colegas meus jornalistas, entre até pessoas como
1107 cientistas políticos, historiadores.

1108 **Valter Rocha Pomar** – Livros de história, livros de história feitos para pessoas de
1109 esquerda, têm aquelas cronologias no final, têm coisas ridículas como “inaugurada
1110 embaixada no país tal”, e não aparece este fato. Livros de esquerda sobre a ditadura
1111 militar, então supostamente deveria dar destaque para isso.

1112 **Pedro Estevam Rocha Pomar** – Então é uma espécie de amnésia meio estranha, e por
1113 quê? Porque ficou meio aquela coisa, houve o episódio do Herzog, houve o Fiel Filho.
1114 O Geisel, um cara esclarecido, um déspota esclarecido, foi lá e acabou com aquela coisa
1115 do porão, tirou o Ednardo e colocou o Dilermando e pronto. Entendeu? Então assim, é
1116 preciso enfatizar que não é bem assim. E também aí a questão do Geisel. O Médici,
1117 todos sabemos, era um facínora. Agora, o Geisel tem sua imagem vendida como esse
1118 cara que preparou a abertura, e no entanto, boa parte dos crimes da ditadura foram
1119 cometidos no período do Geisel, então acho, assim, que como estamos discutindo
1120 memória e verdade é preciso estar atento a estas operações simbólicas que o poder
1121 realiza. Enfatizar essa questão que há certa tendência ao apagamento deste episódio, que

1122 persiste e a gente nota isso na mídia e tal. É como se não tivesse acontecido. E às vezes
1123 fica uma coisa assim: “Aqueles cara estavam mexendo com fogo, não é? O pessoal da
1124 guerrilha do Araguaia também. Podia acontecer isso mesmo”. Então eu acho que esse é
1125 um aspecto que a gente deve ressaltar, não é? Também lembrar que este episódio surge
1126 na esteira da guerrilha e ele veio num processo de desmantelamento. O Marival fala
1127 isso, o fato do PCdoB ter sido o organizador da guerrilha do Araguaia e ter sido um dos
1128 poucos partidos que estava mais ou menos intactos nas cidades, diferente das
1129 organizações que faziam guerrilha urbana e que tinham sido desmantelados, como a
1130 ALN e outras que tinham sido desmanteladas pela repressão, embora o PCdoB tivesse
1131 sofrido um revés duríssimo no Araguaia, mas ele ainda estava mais ou menos
1132 organizado nas cidades, tinha quadros etc. Então ele começa a ser, depois do final da
1133 guerrilha, ele começa a ser desmantelado. Antes mesmo, né, ele já tinha sofrido várias
1134 mortes no Rio e tal, mas aí, após o final da guerrilha, o processo continua e eles vão
1135 prendendo e torturando. Então há vários militantes. Aqui mesmo, no livro, vocês vão
1136 ver no capítulo sobre o Rio. O capítulo 6 tem o relato de várias pessoas que foram
1137 presas, torturadas, que eu acho que é interessante se vocês tiverem tempo de dar uma
1138 lida, tem muitos detalhes, muitos nomes. Não caberia aqui fazer essa...o próprio Jover é
1139 capturado através da captura da Hilda, que era uma das dirigentes do comitê regional do
1140 PCdoB no Rio de Janeiro, né, que se chamava Helena Boaventura, se não me engano. E
1141 eu localizei um documento que depois eu não sei onde foi parar, um documento do I
1142 Exército que relata isso. Que foi através da Hilda foi possível chegar à prisão do Jover.
1143 Hilda Helena Boaventura Sobrinho. Ela se recusou a dar declarações pra mim. Eu
1144 cheguei a ela através de um militante muito conhecido e outro que morreu recentemente
1145 também, o Alcir Henrique da Costa, que é autor de um livro fantástico que eu não sei se
1146 vocês já leram, que é o “Barão de Mesquita 425, a fábrica do medo”. Eu acho
1147 indispensável pra vocês que são pesquisadores da CNV, se vocês puderam dar uma lida.
1148 É uma edição antiga. O Alcir então era amigo dela e tentou que ela concedesse
1149 entrevista e ela se recusou porque ela era muito amiga do Jover. Bom, o que mais? Isso
1150 é um detalhe que não sei se vai ajudar muito. E, por fim, quer dizer, essas três pessoas,
1151 que é uma coisa que eu destaco no livro, que eram três lutadores, três grandes lutadores
1152 do povo brasileiro, de gerações diferentes. O Drummond tinha 34 anos, o Arroyo acho
1153 que tinha 48 e o meu avô 63, quando morreram, quando foram assassinados. O
1154 Drummond muito jovem ainda, mas que com uma trajetória que todo mundo que
1155 conheceu descreve como muito marcante a combatividade dele. E o Arroyo e o meu avô
1156 eram quadro históricos. Meu avô participou da reorganização do Partido Comunista do
1157 Brasil em 42, e era uma pessoa extremamente conhecida em São Paulo, para vocês
1158 terem uma ideia na eleição complementar de 47, não sei se vocês sabem disso, ele
1159 recebeu 135 mil votos. Vocês sabem o que é isso em 1947, é um negócio extraordinário.
1160 Então era uma pessoa que tinha muito prestígio, toda uma trajetória dentro do
1161 movimento comunista brasileiro e extremamente importante. Então realmente é alguém
1162 que eles, em uma política de cortar cabeças, que parece que foi a que presidiu também a
1163 execução dos dirigentes do Partido Comunista Brasileiro, era um alvo prioritário para
1164 eles. O Arroyo tinha sido também um dos comandantes da guerrilha. Um cara que
1165 escapou vivo, quer dizer, outra coisa que eles não poderiam permitir e o Arroyo também
1166 é uma figura que merece ser lembrado, certamente. Então é assim, foram três gerações e
1167 foi uma coisa muito marcante por isso. Uma tragédia que precisa sempre ser lembrada.
1168 Acho que é isso.

1169 **Raissa Ventura (Comissão Nacional Da Verdade)** – Muito obrigada.